

Pål H. Christiansen

Portuguese Version Translation test of the first  
two chapters of...

*Drømmer om Storhet*  
*Sonhos de Grandeza\**

**\*Translated by IGOR F. BRITO PIRES, born in Belém-Pará-Brazil**

**\*Traduzido por IGOR F. BRITO PIRES, nascido em Belém-Pará-Brasil**

***«Não sou nada.  
Nunca serei nada.  
Não posso querer ser nada.  
À parte isso, tenho em mim de todos os sonhos do mundo.»***

ÁLVARO DE CAMPOS

## CHAPTER I CAPÍTULO I

Alguns homens fazem muito caso ao fato de algumas mulheres precisarem de um pouco mais de tempo no banheiro pela manhã. Incitam-se num enorme furor de gritos ásperos e afrontas, seja pelo patrimônio pessoal, seja pela mobília. Porém há alguma vantagem em se livrar do impetuoso crepúsculo aos olhos da porta do banheiro ou ameaçar seguir em frente na esperança de reduzir o tempo gasto esperando? Isto não é só tornar pior as coisas e o tempo gasto esperando, bem mais difícil de suportar? Não, é melhor sentar-se e esperar até que ela fique pronta – não importa quanto tempo leve. Excetuando à escrita o norueguês gramaticalmente correto, esta é uma das coisas mais importantes que eu aprendi na vida.

Eu estava na cozinha da Helle, escutando ao som das tábuas correndo pelo banheiro. Apostaria meu dinheiro que ela estava na hora exata de passar o xampu em seu cabelo. Estava a entremear o líquido rejuvenescedor profundamente nas raízes. Logo depois, o enxaguaria, aplicando o bálsamo, e aí, o restante de seu corpo seria convidado ao mesmo processo de intensa purificação.

O relógio na parede marca oito e trinta. Helle estava em meio a um período muito hético. Ela planejava redecorar a cozinha. A geladeira fora movida do centro do piso junto às prateleiras de especiarias, um quadro de recados e uma reprodução de uma pintura de Gauguin representando uma mulher com uma criança em seus braços. O plano, como entendido, era pintar as paredes em verde e a cozinha restaurada a sua cor avermelhada original.

Há uma coisa que aprendi sobre as mulheres, pensei. Elas analisam cuidadosamente em como a vida poderia ser melhor após a redecoração. Essa vida seria mais uma vez cheia de perspectivas. A verdade é que só o trabalho austero te levará aos portais do firmamento.

Adentrei na sala de estar e fiquei estático em frente à prateleira de livros. A porta da varanda estava bem aberta e os sons da cidade planavam pelas ruas e crianças gritavam entre elas no caminho da escola dentro do bondinho que passara por ali, contrastando com o barulho do caminhão de lixo trasladando de casa em casa.

Há coisas muito boas que eu poderia dizer sobre Helle, mas quando se trata da sistemática da estante de livros, é um caso perdido. Por exemplo, bem na minha frente vi o livro *Zonas Erógenas na Idade Média* de um tal de Howard Humpelfinger. Eu não hesitaria em dizer que o editor havia feito um grande favor à humanidade se tivesse retirado de circulação e extinguido-lo. A obra estava repleta de erros ortográficos, praticamente ilegíveis. Helle o colocou próximo ao dicionário de Norueguês como se fosse a coisa mais natural do mundo, tal como a manteiga no pão, diametralmente contrastantes.

O dicionário de Norueguês *Riksmål* é uma ferramenta sublime. Nele encontra as respostas para cada pergunta com uma precisão e atenção à linguagem que chega a ser impetuosa. É certo que a versão que tirei da estante de Helle remontava ao ano de 1982, porém não era isso que importava. Não há danos de questões de caráter linguístico aos modelos anteriores. A ortografia de 1917 tem

muitos aspectos fascinantes, bem como há muito a se considerar a partir de 1907. Para antes disso, não ousaria me estender.

Sentei-me por um bom período no sofá, ocupando-me com as mais diversas definições e esclarecimentos, ao passo que Helle de ducha em ducha parecia que estava diante da eternidade, como se não houvesse o amanhã. Sempre gostei de palavras que descreviam com precisão um fenômeno, um ser ou um objeto, a exemplo, em norueguês, um GRÅTASS. GRÅTASS é como uma mistura de lobos de cor cinzenta. Veio-me a mente aqueles se entremeando na fronteira com a Suécia, à ermo, na apetência, procurando uma ovelha para abocanhá-la.

Escutei ao chuveiro ser desligado, silêncio por um instante. E agora? Estaria ela unguindo-se na essência daquele creme enigmático que eu gostava de sentir ao entrar em seu banheiro? Ou estaria no momento de escovar seus dentes? Levantei-me e dei alguns passos em direção ao banheiro.

A porta se abriu. Helle saiu com uma toalha enrolada na cintura, seu cabelo estava molhado. Branda e desavergonhada, ela caminhou pela sala de estar e, aparentemente, não percebeu que eu estava lá com o Dicionário de norueguês em mãos, uma expressão sonolenta no rosto. Fomos para cama na noite anterior após um jogo de Palavras-cruzadas, este resultando numa série de discussões interessantes a respeito da ortografia correta das palavras MENSENDIECK, PSORIASIS e ASSESSOR. Quanto à linguagem, Helle era uma das poucas pessoas no mundo em quem eu poderia confiar e com quem eu poderia realmente me aperfeiçoar.

Após ter ganhado o jogo com ajuda da palavra RAMMEANTENNE, terminamos a noite tomando Lumumba. Em seguida, nos colocamos em nossos devidos aposentos como duas crianças despreocupadas, entregues aos nossos sonhos.

“De FATO isto se chama RAMMEANTENNE,” eu disse.

Helle parou em frente à porta da varanda e se virou:

“Está dito aqui,” proclamei.

“Onde?” disse Helle.

“Uma RAMMEANTENNE é uma antena de rádio com fios esticados em um painel,” expliquei.

“Entendi,” replicou Helle.

Ela deixou cair a toalha. Naquele instante, uma brisa suave soprou as cortinas, esvoaçando-as como bandeiras sobre o chão. Com o vento, veio-me um lampejo de emoções: Helle estava desnuda e rindo. Olhei para seus seios. Eles oscilavam de tal forma como se quisessem partir e conquistar novos territórios. Fui até ela e abracei-a, sem se importar com a minha camisa branca toda encharcada. Era a mulher que eu amava.

O apartamento de Helle ficava no quarto andar e, enquanto vestia-se, fui até a varanda para apreciar a paisagem. Rua a baixo vinha o

caminhão de lixo e um homem vestido de laranja içando e esvaziando latas de lixo. Há algo familiar naquele homem, pensei, recurvou-se para vê-lo melhor, mas ele já tinha ido embora. Ser um gari é um ofício ultrajante. Todavia, ele te mantém em forma e o expediente termina cedo. Um sublime trabalho para um poeta, refleti.

Era o primeiro dia de setembro e toda porção leste da Noruega fora surpreendida por uma forte onda de calor. Aquilo não me convinha, porque aguardava pelo outono. Acabara de retomar os trabalhos num manuscrito que eu pusera veraz fé nele. Uma vez concluído, estaria diante de mim a vocação como literato. A mim restaria somente aperfeiçoá-lo, equiparando-o aos requisitos dos críticos midiáticos nacionais, de modo que não o fosse somente uma transitória impressão de pálpebras entreabertas. Mal esperava para terminar o trabalho no decurso do outono, onde os dias ficam mais sombrios e gélidos, restringindo as saídas ao ar livre, estas somente em último caso.

O outono era definitivamente minha estação. Um momento de reflexão. Um momento de ponderar os grandes questionamentos existenciais. De reiniciar aquilo que eu havia deixado pra trás, quando a primavera me prendeu em sua luz e ao cântico de seus pássaros. Quando escrevi meus melhores trabalhos que não fossem no outono? Sob a luz dispersa de minha velha luminária, vestindo um paletó caseiro, as palavras criavam asas, caindo como a chuva no asfalto escuro lá fora.

O bonde passara por mim, no momento que estávamos saindo. Aproveitei para acompanhar Helle até seu trabalho, e depois prosseguir a pé pela Slottsparken até a redação do jornal. Helle vestia aquele vestido florido que eu tanto gostava, com suas madeixas presas, lembrando mais do que nunca uma professora.

“O que vais lecionar hoje?” perguntei amistosamente, segurando a mão dela.

“Iambo e troqueu,” respondeu.

“Interessante,” exclamei, feliz em saber que os jovens ainda são introduzidos aos estudos das formas dos versos clássicos.

“Bem, isso depende dos olhos de quem vê”, enunciou Helle.

“E o Anapesto?” inquiri.

“Veremos isso depois,” disse Helle.

“Só com o Iambo demandaria quase toda uma vida,” finalizei.

Helle endireitou meu colarinho ao chegarmos ao portão da escola. Ela então me beijou e dirigiu-se ao pátio. Helle era uma professora popular, e muitos de seus pupilos a saudaram em sua chegada. Alguns garotos digladiaram-se numa briga tola para manter a porta aberta para ela entrar. No final alguns deles acabaram topando uns nos outros e a professora abriu a porta por ela mesma.

## CHAPTER II CAPÍTULO II

Senti-me linguisticamente tão sagaz após o jogo de Palavras-cruzadas na noite preliminar, que imediatamente fui para minha mesa assim que cheguei ao jornal. Quatro ou cinco já haviam sido finalizados e comecei a trabalhar num artigo sobre a vida noturna em Oslo escrito por um experiente jornalista, reconhecido pela jactância de jamais ter empreendido um erro sequer.

Uma vez ou outra, todos nós cometemos erros. Não seria algo humano não cometer um rele erro, esquecer uma palavra no meio do caminho, um conector, ou permutar dois caracteres, ao passo que BRANSJE (Indústria) pode tornar-se BRASJNE, assim como GANG (vez, momento) verter-se-ia à GNAG. Este é um lapso comum no dia-a-dia de um jornalista deveras ocupado, não havendo razão para constrangimento algum. "Aprendemos com nossos erros," costumava Holm lembrar-nos, sempre que tínhamos um seminário. Mas se não aprenderes com teus erros, não irás tão longe.

Não importava quão cuidadosamente tenha lido o artigo, não encontrava erro algum, exceto duas palavras. Ao invés de OM KVELDEN (à noite) estava escrito OMKVELDEN. Não era um erro linguístico em si, talvez tivesse sido um problema no teclado ou mesmo uma inquietação de um décimo de segundo.

O próximo artigo era sobre a banda a-ha, o qual celebraria seus talentos numa tentativa de trazer de volta aos eixos o sucesso do grupo, após anos os membros engajados em seus projetos solo. Morten Harket como solista na música, Magne Furuholmen nas artes visuais e compositor de trilhas de filmes e Pål Waaktaar-Savoy com a banda Savoy, montada junto com sua esposa.

Esta fora uma boa notícia, tanto para mim quanto para o mundo como um todo. Quantas vezes eu escutava a música pop melancólica e sofisticada do a-ha enquanto escrevia? Quantas vezes me esforçava um pouco mais, sempre que Morten, Magne e Pål vinham à mente. a-ha era uma de minhas bandas prediletas e uma força positiva para a cultura norueguesa e internacional. Apesar de tudo, de todo o ardor do trabalho, do declínio dos recordes de vendas, era uma notícia que merecia espaço na coluna do jornal.

O artigo não se detinha em quem tinha feito o quê ou quem teria brigado com quem durante os anos anteriores. Mas não era segredo que a relação entre Morten Harket e Pål Waaktaar tenha sido tensa durante certo período. Eram pessoas de duas personalidades fortes ao ponto de colidirem opiniões divergentes. Ainda assim, era gratificante aquilo que celebravam entre eles. Era algo muito além de cabeças divergentes. Um novo álbum estava por vir.

O jornalista havia escrito por vezes o nome da banda com e sem o hífen, o corrigi, enviei meu artigo de volta para a mesa e decidi escutar meus discos na primeira oportunidade.

Na hora do almoço fui até a cantina comer alguma coisa. Holm, o redator, estava conversando na mesa da janela com alguns jornalistas da edição de reportagem. Surpreendeu-me, porque o

normal era ele desaparecer durante aquela estação e estar jogando golfe.

Andei em círculos por alguns instantes até decidir-me o que comeria no almoço. Havia muito de tentador para escolher e eu não era inclinado para legumes e verduras, então, antes do fim do almoço, optei por um queijo quente e uma xícara de café.

Holm e os outros dois que estavam com ele lançaram os olhos sobre mim ao sair do refeitório. Tinha o sentimento de que haviam falado de mim, e eu conversando com meus botões, se eu deveria dar meia volta ou dirigir-me a eles e discutir sobre o caso Hubbing. Contudo, abortei a ideia e voltei para minha mesa. Logo que entrei em minha sala, saboreei sozinho meu almoço enquanto tentava lembrar o título de um poema de Olaf Bull. A primeira estrofe era algo como:

*Do verão revela-se o outono,  
Da copa das árvores surge seu esplendor  
Ó, o outono brada sua voz  
Antes que os ramos da mata dourem*

Pensei que o poema estivesse na coleção de Bull chamada *Stjernene* (As Estrelas) de 1924, mas não tinha certeza. Bem provável que fosse também dos *Nye Digte* (Novos Poemas) lançado em 1913, onde era possível encontrar também "*I sneen*" (Na Neve). No final das contas, acabei ligando para o celular de Helle, porém ela não respondia. Deixei uma mensagem de voz, na esperança dela me ligar assim que se desocupasse.

Sentado, eu terminara de almoçar, depositando em meu romance meus pensamentos. O prelúdio estava muito bom, seguindo em próspero tom: o protagonista regressa após uma longa viagem pelo deserto e descobre que algo não transcorria muito bem. Todos os pássaros haviam desaparecido. Seu jardim silencia; nem mesmo um pardal pipilando. Ele sobe numa árvore em busca de respostas sobre o que está a acontecer, porém nem um pássaro a vista. Nem em seu jardim, nem mesmo no dos vizinhos. Ele permanece lá sentado na árvore por todo o dia, descera somente no cair da noite, estando ele decidido a dedicar sua vida a persuadir os pássaros a regressarem.

O próximo artigo a ser checado era o editorial. Fora escrito por Holm e depreendeu-se no caso Hubbing. Nele, Holm questionou a segurança nacional e o papel da imprensa. O fato dele ter concluído o editorial tão prematuramente durante o dia, dava a entender que ele queria logo ir embora. Indubitavelmente, por isso, havia um certo número de erros ortográficos, tais como: RETTSSSTAT ao invés de RETTSTAT (estado de direito), ou em SAMFNNET ao invés de SAMFUNNET (sociedade). Percebi também pelo menos uma preposição ausente. O que ele queria na verdade, como se diria na terminologia do Golfe, era um Ace. Não tive tempo refletir sobre o conteúdo do artigo, por outro lado, eu ficaria sentado lá pelo resto do dia.

Helle me ligou logo após o almoço.

"*Sommerens Forlis,*" disse ela. "Está na obra *Nye Digte.*"

"Caramba!," exclamei. "Tinha certeza de que estava em *Stjernerne.*"

"Tens certeza de que não estás confundindo com *I høsten*?" Helle perguntou.

"Provavelmente," eu disse. "Ao menos lembrei como era o primeiro verso."

"É um poema bem triste," Helle concluiu.

*Drømmer om Storhet*  
**Sonhos de Grandeza**  
Capítulo III

**Tradução: Igor F. Brito Pires**

A calidez bateu-me assim que sai do meu escritório em direção a Karl Johan. As impreteríveis incumbências diárias cessaram por hoje, e agora poderia eu em límpida consciência deter-me a cerca de meus próprios escritos. Meus esforços literários progressos haviam sido um tanto mais que a primeira fase de uma surgente carreira como escritor. O romance *A Carta*, de 1984, conta sobre alguém que partira para criar seu próprio espaço, onde tudo poderia suceder-se. Em *Harry Fora de Si*, uma coletânea de pequenas histórias de 1985, explorei ali pela prima e derradeira vez o ensejo para textos curtos em prosa, e na coletânea poética de 1990, *O Colhedor de Bagas*, adotei o soneto.

O silêncio reverberava silencioso. E como o era. Na verdade, eu publicara nada por mais de dez anos. É claro que eu escrevera obstinadamente, porém sem norte algum. A guinada do sinal dos tempos expulsou-me das cálidas cadeiras de reunião dos editores onde um dia ali já estive. Estava eu ali de pé no corredor, comedidamente, a espera de uma segunda chance, enquanto o ímpeto renovado porvir passara à porta. Não me manifestei no passado depois. Divagava eu num inverno literário que durara seguidos anos.

Era eu áspero? Não. Tinha eu desistido da carência de nível cultural desse país? Sim! O que um norueguês mediano sabe sobre o custo do labor e suplício para levar a sério um sonho? O que eles sabiam sobre o caminho para o triunfo?

O A-Ha sabia. Eles sentiram a apetência análoga às edições modernas de Knut Hamsun em Londres, como ratos entre monturos e extratos da cidade. Viveram na esperança e na certeza

de que tinham algo muito grande para a pequena Noruega, como uma força que explodira no peito, a voejar alto sobre o fariasísmo social-democrático da Noruega. É claro que os problemas perfilavam-se, porém eles combatiam-nos. Há quem diga que tratara de sorte. Não para eles. Tinha a ver com talento e como o discernimento de Harket, Furuholmen e Waaktaar foram concebidos num só.

Tomei a Karl Johan e dirigi-me ao *Slottet*, o palácio real. As pessoas, usando óculos escuros e bebendo cerveja, usufruíam do bom tempo que ali fazia, sentados às mesas do lado de fora dos restaurantes. Na livraria *Tanum*, parei e observei o mostruário. Todos os últimos romances policiais lá estavam amontoados próximos aos livros de culinária de renomados chefes de cozinha, e outros daqueles que se diziam saber cozinhar. Não havia uma ficção séria sequer cerca. No entanto, o tradicional Dicionário Norueguês fora laureado com um pequeno canto devido ao início do ano letivo. Balançando a cabeça, prossegui.

Nunca duvidara que havia algo a mais pra mim do que todos esses escritores moderados que tentaram e que até conseguiram com que seus trabalhos fossem publicados. Aqueles que não tinham nada sobre o quê escrever, naquilo que se espera de um escritor nesse país, publica-se um ou dois livros por ano, pensei. Publica-se e vende-se para todas as bibliotecas públicas, e é essa a cereja do bolo para esses parvos ditos artistas.

Honestamente, eu não deveria despontar-me maior do que de fato era no momento. Estava eu lúcido que tudo até então produzido são meras espécimes comparadas àquelas ainda por vir. Este era apenas o embrião de algo maior porvindouro. Poderia até eu conceber que o Prêmio Literário do Conselho Nórdico estava ao meu alcance, por assim dizer. A avidez em escrever avultava-se em meu íntimo. Eu era como um pão a crescer, que tão pronto iria

espargir no estanho, fora do forno, tal como a conquistar o mundo.

Como Rainer Maria Rilke certa vez proferiu? Ser artista não significa etiquetá-lo tal e qual a aritmética o faz, mas impor-se serenamente nas tempestades hibernais sem temer que o verão não mais se avizinhe? Ele revelar-se-á somente para quem paciente for, para aqueles que vivem a vida como se a própria eternidade estivesse rente aos olhos, amena, silente e perene.

Devo admitir que às vezes minha paciência fora posta à prova vez ou outra, porém finalmente é outono, minha estimada estação.

Atravessei a Universitetsgaten para a Karl Johan, caminhando em direção às estátuas de dois dos maiores escritores noruegueses, Ibsen e Bjørnson, cada um em pé em seus pedestais de frente ao Teatro Nacional. Parecia que intentavam dar entre si um sorriso, mas eles, indubitavelmente, tinham mais cartas na manga do que 99% de todas as pessoas que hoje se dizem escritores, julguei. Parei e examinei seus rostos: Bjørnson tinha algo de pomposo, já Ibsen, um tanto austero. Eram dois gigantes em seus montículos, dois símbolos que cada um ao seu modo deixou seus legados nesta pátria, ponderei.

Mas o que aconteceu com Wengerland, perguntei-me.

Olhei em volta, e dei-me conta dele ermo, do outro lado da rua. Sim! Colocaram-no do outro lado da rua. Apesar de estar numa posição proeminente em relação ao Parlamento, ainda assim estava solitário.

Wengerland, no entanto, parecia contente o bastante assim que me aproximei, observando-o. Comparado aos outros dois cavalheiros, Wengerland parecia-me mais realista e substancial, pensei.

Vi o bonde subindo a *Stortingsgaten* e atravessei-a, seguindo em direção à parada. O ônibus que seguia para *Tårnåsen* vinha na direção oposta logo que contornei a esquina.

Estava decidido a regressar ao meu apartamento e despertar meus escritos assim que saísse do bonde. No caminho, parei para observar através mostruário da *Fire Høns*. Não avistei conhecidos lá dentro, havia somente uns velhos dormitando em frente a uma cerveja.

Li recentemente um artigo sobre a importância de hidratar-se em temporadas quentes. Caso contrário, as coisas podem ficar maquiavélicas para essa intrincada máquina chamada corpo. O artigo recomendou a ingestão de 10 a 15 litros diários, porém questiono tal lisura. O equilíbrio dos fluidos estava em entropia. Minha cabeça estava pesada, mas à parte, meus braços estavam inopinadamente leves. Estava com medo que minha inspiração desvanecesse caso eu não fizesse algo imediatamente.

Hjort estava, como de praxe, detrás do balcão, limpando seus óculos, enquanto murmurava sincronicamente o grande sucesso do verão de *Hubert & Hannkattene*, “*Chute Meu Traseiro*”.

- Não diga nada – ele disse. – Queres uma cerveja.
- Sem colarinho – completei.
- Não queres experimentar a nova cerveja da Monrovia? – perguntou Hjort.
- De onde?
- Eles produzem cervejas muito boas lá – disse Hjort.

Não faço ideia do quanto Hjort recebe para propalar tamanha bodega alcoólica da Libéria, mas sabia que iria tomar uma cerveja sem colarinho. Felizmente, ele cessou a investida e encheu o

copo, ao passo que sentava e olhava caprichosamente, assegurando que tudo estava dentro dos conformes.

- Muito colarinho – eu disse.

- Só um instante – disse Hjort.

- Não pagarei pelo colarinho – exclamei.

Hjort removeu o colarinho e muniu novamente o copo. Ele então empurrou o copo sobre o balcão. Tomei um gole, apreciando-a, à medida que a cerveja começava a harmonizar meu corpo.

- Já percebeste que ultimamente Higgins anda com um mau cheiro – perguntou Hjort.

- Ele estava aqui ontem e tive que pedir para ele sair – disse Hjort.

– Vá pra casa e tome um banho – eu disse.

- Humm – eu disse.

- Estou tocando um negócio aqui – comentou Hjort.

- Higgins é um artista – eu disse.

- Esse é do arco da velha – replicou Hjort.

De fato era? Poderíamos esperar de artistas purgarem-se tanto como os demais? Achava que não, mas abri-me para diferentes teses, afinal de contas, vivíamos num país livre. Havia limites é claro. Ainda assim, alguma coisa ainda havia de ser dita caso estivesse acometendo outrem. A questão era se esse dia havia chegado.

- O que queres dizer com cheirar? – eu perguntei.

- Exatamente o que eu disse – replicou Hjort.

- Quiseste dizer *feder*? – eu disse.

- Quero dizer que ele cheira mal.

Helle adentrou com uma sacola da *FARGELAND* em mãos. Senti imediatamente uma inquietação aprisionada. Equivocara-se Helle se pretendia levar-me para casa para pintar sua cozinha. Eu tinha coisas mais importantes a fazer, disse eu a ela de uma maneira esmerada e afável.

- Sabia que te encontraria aqui – ela disse.

- Mesmo? – retruquei. – Vocês dois ponderam muitas coisas de forma excêntrica. Hjort acha que me conhece e considerou mesmo que tivesse vindo aqui para tomar uma cerveja.

- Pura intuição – disse Hjort.

- Na verdade estou indo pra casa e começar a ESCREVER. – eu disse. – Tenho um romance a ser escrito. Se eu não o fizer, quem fá-lo-á?

- Queria ir ao Huk – disse Helle.

- Ao Huk? Disse eu complacentemente. Inclinei à frente e beijei-a na testa. Coloquei-a contígua em meus braços. Sua pele exalava seu frescor, com apenas uma delicada fragrância de sabão natural e marmitta, porquanto vinha direto do trabalho.

- Poderíamos fazer um churrasco na praia – propôs Helle.

Olhei dentro de sua sacola. Ela comprara tinta, lixa, massa de vidraceiro e solvente, e mais ao fundo, instrumentais de pintura de origem controversa.

- Eu comprei um litro e meio pra começar – ela disse.

- Justo – eu disse, examinando a bolsa.

- Tentaram me vender 10 litros, mas eu disse não – explicou ela.

- Fizeste bem – concordei.

Por fim me apoderei de seus instrumentais e pu-los pra fora, para uma inspeção mais minuciosa. Havia alguns arquétipos feios com cabo de plástico e cerdas de arame. Eram os itens mais supérfluos que já vi.

- O que é isso? – indaguei.

- Broxas. – respondi.

- Mas que broxas medonhas. – eu disse. – Não sabes que broxas baratas mudam mais rápido do que exoesqueletos em ecdise?

- Elas ficarão bem – disse Helle.

- Não, não faça isso. – interpelei. – Não sabes o que estás falando. Hjort pode certificar o que digo.

Contudo, ele já partira, escondera-se em algum lugar nos fundos da cozinha, por isso, ficara eu sem sua assistência.

- Há duas coisas primordiais na vida. – eu disse. – A primeira é beber muita água. A segunda é um pintor usar broxas apropriadas.

***Drømmer om Storhet***  
**Sonhos de Grandeza**  
Capítulo IV

Alguém estivera no apartamento. Podia sentir seu ranço. Uma amálgama indistinta de suor, spray bucal e algo até mesmo pior. Ou teria eu instaurado meu próprio perecimento carnal? Aguardo por isso desde minha quadragésima primavera.

O caos em meu apartamento estava pior como de costume: caixas com livros apinhados por toda parte, roupas de cama estiradas desordenadamente no chão. Parecia que alguém se mudara e deixara o local isocronicamente. E o que dizer sofá? Onde estaria?

Olhei para todos os cantos sem êxito, enquanto tropicava entre as caixas. Algumas centenas de exemplares de *A Carta* amontoavam-se ao longo das paredes, *Harry Fora de Si* posicionava-se em frente à cama, ao passo que *O Colhedor de Bagas* jazia solitário debaixo da mesa da cozinha. As caixas tinham vantagens e percalços. Na cozinha, coloquei coisas quentes sobre elas, já no banheiro, tínhamos onde pisar caso o chão molhasse.

Em dias de visitação ao apartamento, improvisava caixotes como banquinhos.

- Nada melhor do que por suas nádegas num lídimo pedaço de poesia – costumava Higgens a dizer isso antes de bufar; um brinde à insigne poesia terrena.

Sentei-me à mesa e congreguei com meus pensamentos, conjecturando sobre composição literária. O primeiro passo para tal intrincado ritual de criação era vestir meu roupão, mas fazia algumas semanas que não o via. O segundo era repousar meus pensamentos que fazia no sofá. Maldição! Perder o sofá fora um duro golpe.

A saber: meu novo romance versa sobre uma pessoa que alcança seu sonho de construir a mais perfeita casa de passarinhos já vista. Ele despense anos de sua vida no ofício. Assim, após construir uma a uma, espalhou-as pela floresta. O propósito subjacente era trazer as aves de volta. Conseguiria ele? Muito prematuro dizer.

Perguntava-me se eu não deveria, talvez, saber o final agora. Deveria eu conhecer tão bem meu herói para saber até onde iria, se ele pudesse perceber plenamente seus sonhos?

A resposta? Um sonoro não. De que vale um romancista escrever uma história cujo final já é sabido. Era essa minha opinião e agarrei-a.

Por ora tudo nos conformes. Agora o momento era de projetar-me a uma compleição compatível de criação, e inaugurei o terceiro estágio de meu ritual, dirigindo-me à prateleira para achar o álbum *Hunting High And Low* do A-Ha. Eu tinha o hábito de ouvir Morten Harket cantar “Take On Me” como um prelúdio para produção escrita espirituosa e inspiradora. Decerto, Morten tinha um talento deífico. Quando atingia seus falsetes em “Take On Me”, a única coisa a ser ponderada seria desistir e esquecer de todos os afazeres mundanos como LIMPAR, LAVAR AS ROUPAS e ESCREVER

CARTÕES POSTAIS a velhos conhecidos. Não, a única coisa a se fazer é rabiscar reflexões criativas até que teu lápis se fenda e teu corpo te agradeça.

Parei em frente à estante. Algo havia acontecido desde a última vez. Meu velho gramofone fora substituído por um espaçoso leitor de CD com alto falantes enormes e botões por todos os lados. Nem um sinal de meus velhos discos de vinil.

Não era a primeira vez que eu defrontava a adversidade. Na verdade, eu já estava afeito a tudo isso. Se a adversidade enobrece, então eu era pelo menos um conde até o momento, pensei. Sentei-me à mesa novamente, empunhando minha última esperança – meu apontador.

Muitos autores já foram salvos do constrangimento por terem apontado bem seus lápis. Tome Hemingway como exemplo, um certo Miller Hemingway. Nascido em 1899 em Oak Park, Illinois, Estados Unidos, Hemingway sempre tinha alguns lápis afiados a postos diante dele antes de começar a escrever todas as manhãs. Ele tinha entre 5 e 70 lápis enfileirados, dependendo de seu humor. Durante um curto período quando viveu em Key West na Flórida, disse ele que chegava a apontar 133 lápis todas as manhãs. Depois de um tempo, enquanto suas finanças prosperavam, ele conseguiu pessoas que pudessem fazer isso por ele, bem melhor do que nos tempos em que pelejava como um desconhecido escritor em Paris.

Lembro que outra coisa pitoresca de Hemingway era FICAR DE PÉ enquanto escrevia. O que deu nele de ter tamanha ideia tola? Não faço ideia, mas funcionou. Quem era eu para interferir na rotina de trabalho de meus colegas.

Olhei para a cama. Uma vez o sofá tendo sumido, deitei-me na cama como solução temporária. Parecia tão bom quanto a rotina em pé de Hemingway. Transferi-me para minha cama e deitei-me, aninhando-me sob as cobertas.

O telefone tocou antes mesmo de eu começar.

- O que estás fazendo? perguntou Haagen.

- Neste momento, estou fazendo meu leito – eu disse. – Se esta for uma linguagem de teu apreço.

- Estás com sono? – disse Haagen.

- Chame como quiser – eu disse. – Eu chamo isso de escrever.

- Fazendo progressos? – perguntou-se Haagen.

Era do romance de que ele estava falando? Ou foram minhas novas resoluções de ano novo de se livrar dos vícios de linguagem que repousavam desde a infância quando eu falava? *Vou ao médico*, por exemplo. O fato é que por muito tempo falei *vou no médico*.

- Não viste meus discos do A-Ha por aí? – eu disse.

- Já olhaste debaixo do sofá? – perguntou Haagen, um tanto quanto vago, porém pelo menos teve uma proposta.

Olhei para onde um dia o sofá lá esteve. Vi um par de meias ímpares cobertas pelo pó e mais alguma coisa semelhante à torradas e queijo de cabra. Ou seria patê de fígado de cerdo? Até onde podia lembrar, eu não tinha tais itens em casa, e também não pretendia ir a fundo no caso.

- Não – eu disse.

- Já ouviste falar de Hubert & Hannkattene? – perguntou Haagen. – Eles são atemporais.

- Continuarei com o A-Ha até que se prove o contrário – eu disse.

- Preciso apressar-me agora – disse Haagen. – Tocarei *Öppna landskap* em três minutos.

- Boa sorte – eu disse.

- Vejo-te na Huk – disse Haagen.

De onde Haagen tirou que alguém sugeriu ir à Huk? Ou melhor dizendo, se eu fosse para a Huk, seria para um encontro romântico com Helle e não uma viagem de grupo de escoteiros.

Não há nada de novo em dizer que esta cidade é repleta de bisbilhotice e boatos. Eu mesmo já padeci deles inúmeras vezes. Se eu soluçar em Akersgata, poderia jurar que Haagen ou Higgens saberiam antes de completar uma hora.

Fechei os olhos e desliguei-me do mundo por um instante. Deixei o devaneio dominar-me e visionei meus poderes inventivos concretizando-se, como uma hidrelétrica, provendo luz a toda uma cidade. Uma cabeça em chamas numa tempestade de autoestima, onda verde e um sorriso de orelha a orelha.

No meio de tudo isso, manteria meus pés firmes no chão e minha cabeça a meio passo do céu. Meus textos deveriam mugir e arrebatá-lo como o chocalho de uma cascavel, rastejando ternamente entre os troncos de árvores, devorando o indispensável.

E o público? Não importa a idade, eles poriam-se aos meus pés, no meu encaixe de cidade a cidade por onde viajasse, banhando-se do sol de meu próprio sucesso, enquanto lia em voz alta para as senhoras emudecidas das bibliotecas públicas do país.